

GT19: Antropologia e pesquisas no continente africano: diálogos críticos contemporâneos

Gilson Rodrigues Jr, Sara Morais

A proposta deste GT é estimular debates advindos de pesquisas antropológicas em e sobre contextos etnográficos no continente africano. Os estudos realizados nas últimas décadas por pesquisadores brasileiro/as têm se caracterizado por uma variedade enorme de temas, propostas analíticas e perspectivas teórico-metodológicas e epistemológicas inovadoras. O diálogo da antropologia com a história (colonial e pós-colonial) tem se mostrado particularmente profícuo para a compreensão das complexas transformações políticas pelas quais passam as sociedades africanas contemporâneas, o que inclui as dimensões de gênero e étnico-raciais. As interfaces com outros campos disciplinares têm tornado a antropologia feita em interlocução com sujeitos africanos uma via privilegiada de apreensão das dinâmicas do/no continente. Nosso objetivo é reunir um conjunto de trabalhos preocupados em entender etnograficamente dinâmicas diversas em contextos africanos específicos e promover um debate qualificado sobre questões atuais que se impõem nesse universo de pesquisa. São bem-vindos estudos que abordem os seguintes temas: relações raciais em contextos coloniais e pós-coloniais; patrimônio cultural; festivais culturais; fluxos de pessoas e de objetos; práticas comerciais; gênero e sexualidade; sociedade civil; formação do Estado e da nação; práticas de cooperação internacional; cultura popular africana; dinâmicas familiares e de parentesco; epidemias e pandemias; conflitos armados; juventude.

Autoritarismos de Estado, juventudes desesperançadas: conexões PUNK

Autoria: Luana Piveta de Moura Luz

Brasil e África do Sul costumam ser colocados em posições opostas quanto à questão racial: "democracia racial" e "apartheid", são eixos que dificultam a identificação de conexões (Moutinho, 2004). Nesta pesquisa, que faz parte de um projeto maior: "Bacharéis, empregados e clérigos: um estudo sobre a dinâmica das interações sociais numa cidade sul-africana", coordenado por Laura Moutinho, busco refletir nas brechas dessa perspectiva e mapear conexões. Para isso, investigo a trajetória de André Fredrick Pretorius, africânder, que mudou-se para Brasília com o pai embaixador em 1978, aos 17 anos. A identidade africânder articula raça com nacionalismo, militarismo e religião. Os africânderes criaram a base ideológica do que viria a ser o regime autoritário de base racial que esteve no poder na África do Sul entre 1948 e 1994: o apartheid. Quando chegou ao Brasil, André Pretorius era punk e, ao se encontrar com os poucos punks que havia em Brasília, iniciou o "Aborto Elétrico", uma das primeiras bandas brasileiras do estilo, no contexto da ditadura militar (1964 e 1985), junto a Renato Russo e Fê Lemos. Isso aconteceu no contexto de surgimento do movimento punk na Inglaterra. O trânsito internacional a que tinham acesso favoreceu este encontro, já que o grupo conhecido como Turma da Colina recebia informações, discos e fitas punks que eram enviadas pelos amigos que estavam no exterior, o que era muito comum; e importava instrumentos musicais diretamente através das cotas de importações dos consulados, onde trabalhavam os pais de alguns deles, como o pai de Pretorius trabalhava na Embaixada da África do Sul, onde o Aborto Elétrico fez seus primeiros ensaios. Em 1980, André foi forçado a retornar para a África do Sul para, como todo jovem africânder, servir o exército do apartheid, regime autoritário de base racial que esteve no poder entre 1948 e 1994. A bibliografia aponta o quanto o militarismo está enraizado na sociedade sul-africana, principalmente entre os africânderes, organizando as relações e o cotidiano. O serviço militar era obrigatório para todo jovem africânder, impactando sobre a construção das masculinidades, como mostra Nyameka Mankayi (2010), definindo o ser soldado como uma personificação das práticas sexuais masculinas tradicionais, apesar de também

proporcionar um ambiente homossexual e masculinidades não-hegemônicas. Dessa forma, Pretorius possibilitou o contato destes jovens brasileiros com a ditadura sul-africana, de modo que seu retorno ao país foi muito impactante não só para ele, mas também para seus amigos da Turma da Colina, que conheceram o apartheid a partir da experiência de um jovem africânder que teve que servir a uma causa na qual não acreditava.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

